

Graciele Macedo Pedra
Graduanda do curso de Letras Português e suas respectivas literaturas da Universidade Federal de Pelotas, Brasil; pedragraciele86@gmail.com

Daniela da Cruz Schneider
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Educação (PPGE/UFPel). Especialista em Educação (PPGE/UFPel). Licenciada em Artes Visuais (IAD/UFPel); danic.schneider@gmail.com

Priscila Monteiro Chaves
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Educação (PPGE/UFPel). Licenciada em Letras Português/Francês (UFPel); pripeice@gmail.com

As águas de Bachelard, Faraco e Rosa: a arte na literatura

The waters of Bachelard, Faraco and Rosa: art in literature

Resumo: O presente trabalho aponta como favorável à imaginação, o contato profundo da criança com a literatura e a arte, no sentido da promoção de uma nutrição estética. Navegando pelos contos “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa, que apresenta o rio em suas três margens e “Travessia”, de Sérgio Faraco, que deposita no rio sua chance de sobrevivência, discutimos amparadas em Bachelard a relação infantil com a natureza como a grande matéria da imaginação. A imagem do rio se traduz como o principal símbolo representativo da narrativa em ambos os contos, permitindo o vagar dos autores que falam do mundo e da imensidão íntima.

Palavras-chave: Literatura; Ensino de Arte; Bachelard.

Abstract: The present work points out as favorable to the imagination, the deep contact of the child with literature and art, in the sense of promoting aesthetic nutrition. Navigating through the tales “The third bank of the river”, by João Guimarães Rosa, who presents the river on its three banks and “Travessia”, by Sergio Faraco, who ponders in the river his chance of survival, we discuss supported in Bachelard the child relationship with Nature as the great matter of imagination. The image of the river translates as the main representative symbol of the narrative in both tales, allowing the wandering of the authors who speak of the world and the intimate immensity.

Keywords: Literature; Art Teaching; Bachelard.

APROXIMAÇÕES ENTRE LITERATURA E ENSINO DA ARTE

O estudo se evidencia como uma pesquisa de cunho bibliográfico, analisando as obras “A terceira margem do rio” e “Travessia”, estabelecendo pontos de contato com Gaston Bachelard. Interessa ampliar a reflexão sobre a necessidade da emoção imaginativa que a criança vive através das histórias, do contato com a arte e com a natureza, para projetar um

olhar que evidencie as experiências humanas através das águas de um rio no imaginário de Guimarães Rosa e Sérgio Faraco. O trabalho realiza uma aproximação entre literatura e ensino de arte, utilizando-se de paisagem literária, buscando em sua dimensão poética, potências para pensar a experiência com a arte e suas possibilidades no ensino de arte.

O conto “A Terceira margem do rio”, do escritor mineiro João Guimarães, chama atenção primeiramente por seu título que possui várias interpretações e análises, além de motivar algumas reflexões acerca da imagem de um rio em três margens que traz os segredos de uma alma. Enquanto o conto “Travessia”, do escritor gaúcho Sergio Faraco, aborda a renovação de um imaginário sobre a tradição e história dos antepassados. Há, nas obras, a presença do entrecruzamento de um rio que separa a vida da morte, apontando quem seguirá à margem e quem permanecerá à deriva do tempo, da vida e da sociedade.

Os dois contos são narrados a partir das experiências de dois meninos. O episódio narrado em “Travessia”, por um guri que acompanha o tio na travessia do rio Uruguai com uma chalana carregada de encomendas, indicando sua estréia no contrabando de pequeno porte, na luta pela sobrevivência, submetendo-se a muitos perigos, mas se o faziam era porque estavam “precisados”. Mas estava escrito: aquela travessia se complicava.

Teso, imóvel, ele olhava para o rio, para a sombra densa do rio, os olhos dele brilhavam na meia-luz da popa e a gente chegava a desconfiar que ele estava chorando. Mas não, Tio Joca era um forte.
(FARACO, 2011, p.49).

Já o menino da terceira margem do rio não poderia esquecer a partida do pai, que decidiu viver o resto de seus dias numa pequena canoa.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva e pálida, mascou o beijo e bramou: — “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a benção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa (ROSA, 2005, p.78).

O impressionante mistério do ser que vive na terceira margem de um rio, nos envolve durante todo conto. “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar.” (ROSA, 2005, p. 78). Através do espaço é possível conhecer a imagem em sua origem, em sua essência, sua pureza, tornando as imagens e os devaneios, intermináveis fantasias onde contemplar a água é escoar-se, dissolver-se e morrer.

Quando se lê um texto literário, a imagem construída através dele tem significado em si mesma, no momento presente e de maneira distinta para o leitor, onde uma poça contém um universo, como afirma Gaston Bachelard (2002). A imaginação da criança comove-se com o novo que ela vê ao redor e devido à essa sensibilidade também vislumbra coisas novas, desenvolvendo

assim a habilidade de se envolver com o faz de conta.

As águas do rio aparecem como símbolo universal de vida. “...o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre” (ROSA, 2005, p. 77), “...ouvia sim aquele som difuso e melancólico que vinha das barrancas do rio depois da chuva, canto dos grilos, coaxar de rãs e o rumor do rio nas paredes de seu leite” (FARACO, 2011, p.49) e “a Água é não mais o vão destino de um sonho que não se acaba, mas um destino especial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser” (BACHELARD, 2002, p.06).

Ambos contos tem por objetivo alcançar o homem em sua integralidade. O contato com a natureza é elemento importante para a contemplação estética na imaginação da criança, segundo Bachelard o devaneio na criança é materialista, a criança é um materialista nato e seus primeiros sonhos são com as substâncias orgânicas. Torna-se evidente nas descrições, o amor e a capacidade de encontrar nos pequenos espaços, moléculas de mundo que permitem o vagar na narração dos autores que falam do mundo e da imensidão íntima, enviando ao leitor mensagens de reflexo que o faz tomar consciência de sua intimidade.

POESIA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

As crianças possuem a necessidade de imagens, proporcionadas através das histórias, para a sua própria criação subjetiva e para a exploração estética e afetiva do mundo, caracterizando a temática central da sua vida imaginativa, alimentada por imagens novas. Imagens novas que advêm do campo da arte, possibilitando um alargamento do repertório cultural, bem como uma forma de experimentar a si mesmo. Segundo Ana Mae Barbosa:

A arte, como uma linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum

outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica. O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e o que é errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2009, p.21).

Na esteira do que é defendido por Barbosa, o contato com a linguagem da arte nos possibilita novas leituras da realidade, exercitando o pensamento não pelas vias do saber intelectualizado, mas por uma linguagem que requer outros modos de operacionalizar sentidos, que pode contribuir para uma aprendizagem significativa. Para que seja possível visualizar os detalhes de uma narrativa, é fundamental a descrição cenográfica, disso depende a sensação física sugerida e o entendimento do fascínio das crianças pelas histórias através da experiência poética. Esta é uma das possíveis contribuições da literatura neste processo de alargamento da experiência estética.

Soma-se a este empreendimento – retomando a narrativa dos contos enquanto inspiração para se repensar alguns pressupostos do Ensino da Arte - a tentativa de enxergar um herói na figura do pai e do tio fragilizados, traz o drama essencial entre si mesmo e o mundo.

Bachelard afirma que o exterior só é entendido quando transformado em interior; o homem ao deparar-se com a imensidão transforma-a em intimidade, assim não é possível atingir o imenso senão pelas experiências. A poesia e o devaneio são elementos importantes para fixar, para cada imagem, seu peso de devaneio interno, descrevendo uma vida pela morte. O não ser e ser nesse entre-lugar onde acompanhamos pelos olhos da criança, que

crece ao longo da história, o devaneio do pai que alimenta a imaginação com a imagem de um rio em três margens e a busca pela sobrevivência do pobre menino marginado na fronteira, que não se situa em nenhum dos pólos, nem na borda, nem no centro permanecendo distante, evidencia uma característica da imaginação da criança que se envolve com o arquétipo do herói romântico, capaz de situar-se para lá dos limites da vida real encontrando estímulos através de seus medos.

As crianças precisam desse lugar, onde possam exercitar sua imaginação como modo de sentir, onde não seja mais possível separar a razão da emoção, a sensibilidade do intelecto e sim ligar a ciência e a arte. A literatura, a arte nos convocam à saída da anestesia, para entrarmos em estado de estesia.

A estesia entendida enquanto uma poética da dimensão sensível do corpo que suscita em absoluta singularidade uma experiência sensível com objetos, lugares, condições de existência, seres, comportamentos, ideias, pensamentos, conceitos. Quando tocados por essa experiência, somos convocados a agir e ao agir abrimos a possibilidade de fazer ou desfazer conceitos perceptivos gerando novas possibilidades de pensar e mover corpo, ideias e mundo. (MARTINS, 2012, p.35)

Trata-se de pensar na nutrição estética, ensejada no pensamento de Mirian Celeste Martins. Nutrimos nosso corpo biologicamente, mas o que reservamos para a nutrição estética, para nos exercitarmos na nossa sensibilidade? Para Mirian Martins Celeste (2012) as produções e atividades artísticas nutrem nosso sensível. Abastece nosso sensível e possibilita um aprendizado que se encontra no e com um saber sensível:

A preocupação está em levar os aprendizes a saber-perceber conduzido pela experiência perceptiva do olhar, de escutar, de tocar. Para isso, é preciso oferecer a nutrição apresentando o objeto cultural sem pressa, desacelerando o tempo para que o corpo possa vaguear e coletar impressões, sensações, se deixando invadir pela estesia, pelo saber sensível. Criar oportunidade dessa lentidão para olhar, escutar ou tocar é deixar o corpo tomar a iniciativa e agir na ação silenciosa movente da coleta sensorial. É permitir que o corpo trança uma rede complexa de relações sensíveis e perceptivas sobre o que vê, escuta, toca, vivenciando sensibilidades gestadas na sensação. (MARTINS, 2012, p.36)

É neste sentido que se fala em nutrição, tendo em conta que nutrir é oferecer sustento. Trata-se não só de possibilitar encontros com a atividade e produção artística, mas mediar para que a percepção transcenda as meras descrições intelectivas, passando a um estado de experimentação. Jorge Larrosa quando trata da experiência, nos adverte que é preciso cultivar um estado de atenção. É preciso então, cultivar um estado de disponibilidade para a experiência e, neste caso, para a experiência estética.

A preocupação está em levar os aprendizes a saber-perceber conduzido pela experiência perceptiva do olhar, de escutar, de tocar. Para isso, é preciso oferecer a nutrição apresentando o objeto cultural sem pressa, desacelerando o tempo para que o corpo possa vaguear e coletar impressões, sensações, se deixando invadir pela estesia, pelo saber sensível. Criar oportunidade dessa lentidão para olhar, escutar ou tocar é deixar o corpo tomar a iniciativa e agir na ação silenciosa movente da coleta sensorial. É permitir que o corpo trança uma rede complexa de relações sensíveis e perceptivas sobre o que vê, escuta, toca, vivenciando

sensibilidades gestadas na sensação. (MARTINS, 2012, p.36)

É neste sentido que se fala em nutrição, tendo em conta que nutrir é oferecer sustento. Trata-se não só de possibilitar encontros com a atividade e produção artística, mas mediar para que a percepção transcenda as meras descrições intelectivas, passando a um estado de experimentação. Jorge Larrosa quando trata da experiência, nos adverte que é preciso cultivar um estado de atenção. É preciso então, cultivar um estado de disponibilidade para a experiência e, neste caso, para a experiência estética.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo; suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p.24)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o ensino de arte deve possibilitar experiências, compondo com aquilo que o campo estético pode oferecer de mais inusitado, buscou-se neste texto uma composição arriscada, partindo de uma leitura literária e comparativa entre dois contos, para a defesa de uma educação voltada para a experimentação.

As obras de Guimarães Rosa e Sergio Faraco contribuem significativamente para garimpar a simbologia da margem, por tratar-se de dois contos inconclusivos, os narradores, encontram-se às margens de um rio na tentativa de enxergar heróis nas figuras do pai e do tio. O rio aparece como o principal símbolo representativo das narrativas, permitindo o vagar dos autores que falam do mundo, da imensidão íntima e dos devaneios alimentados pela imaginação. A leitura oferece nutrição estética, mas antes, uma nutrição poética. Aborda a imagem da margem do rio, uma terceira margem que é um não lugar. Não lugar que parece sintonizar-se com uma proposta de ensino de arte pautada pela experiencição com a língua estranha da arte, este saber que desacomoda e ensina não pela intelecção, mas passa pelo corpo, suscitando sensações. O imaginário dos contos remetem à potência da arte de inventar mundos, o que contribui para a construção de novas paisagens existenciais, de novas sensibilidades e modos de perceber o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, G. **A água e os sonhos- Ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Flores, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (org.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FARACO, S. **Contos completos**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** n. 19 [online]. 2002.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo: Intermeiros, 2012.

ROSA, J. G. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.